



**Roteiro de Mediação dos  
sabedores e fazedores de  
*Presépios e Lapinhas*  
DE MINAS GERAIS 2021**

**50** **iepha** MINAS GERAIS **CULTURA E  
TURISMO** **MINAS  
GERAIS** GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.

## Apresentação

Caro(a) leitor(a),

*O Roteiro de Mediação dos sabedores e fazedores de Presépios e Lapinhas de Minas Gerais* se apresenta como ferramenta educativa, elaborada pela Gerência de Difusão e Educação para o Patrimônio Cultural, com o intuito de subsidiar a mediação dos conhecimentos que permeiam a tradição dos presépios e lapinhas em Minas Gerais. Seu conteúdo aborda além da origem e história do tema, as mineiridades presentes nas Folias de Reis que, de um jeito peculiar, integram as folias de minas reconhecidas, pelo IEPHA/MG, como patrimônio cultural imaterial, desde 2017.

A educação para o patrimônio cultural promovida pelo instituto mineiro traz, em sua essência, a metodologia da mediação. Essa estratégia educativa aponta caminhos para uma abordagem sensível das práticas culturais que atravessam os diversos patrimônios constituídos pelas comunidades e grupos identitários, dentre eles, as folias. A construção de narrativas nessa perspectiva valoriza, sobretudo, a sabedoria e as experiências vivenciadas pelos detentores e, por isso, podem colaborar potencialmente com a salvaguarda de suas tradições e costumes.

Esperamos que esse roteiro seja utilizado com transcendência e que se torne um condutor de revelação e circulação dos saberes e dinâmicas locais, próprios de cada folia e de seu modo de existir enquanto patrimônio cultural, devendo estas peculiaridades integrar o repertório dos mediadores culturais.

**Luzinete Assis**

**Gerente de Difusão e Educação para o Patrimônio Cultural**

## Cantiga dos Pastores

Adélia Prado

À meia noite no pasto,  
guardando nossas vaquinhas,  
um grande clarão no céu  
guiou-nos a esta lapinha.  
Achamos este Menino  
entre Maria e José,  
um menino tão formoso,  
precisa dizer quem é?  
Seu nome santo é Jesus,  
Filho de Deus muito amado,  
em sua caminha de cocho  
dormia bem sossegado.  
Adoramos o Menino  
nascido em tanta pobreza  
e lhe oferecemos presentes  
de nossa pobre riqueza:  
a nossa manta de pele,  
o nosso gorro de lã,  
nossa faquinha amolada,  
o nosso chá de hortelã.  
Os anjos cantavam hinos  
cheios de vivas e améns.  
A alegria era tão grande  
e nós cantamos também:  
Que noite bonita é esta  
em que a vida fica mansa,  
em que tudo vira festa  
e o mundo inteiro descansa?  
Esta é uma noite encantada,  
nunca assim aconteceu,  
os galos todos saudando:  
O Menino Jesus nasceu!

*Texto extraído do suplemento “Folhinha”, jornal Folha de São Paulo, edição de 25/12/99.*

## **Presépios e Lapinhas e seus modos de saber e fazer: primeiros passos da mediação**

A montagem dos presépios e lapinhas, uma tradição cultural muito viva em Minas Gerais, é um saber e um fazer. Na realidade, se expressa em muitos modos de *saber-fazer*. A palavra “saber” tem sua origem no latim “*sapere/sapere*”, que significa sabor e quer dizer tanto o “ter gosto, sentir gosto”, “exalar cheiro, um odor”, quanto “conhecer alguma coisa”, “compreender”. Assim, o termo possui vários significados, como uma extensão figurativa do ato de saborear, ele exprime a ideia de que percebemos o mundo por meio de nossos sentidos.

Como escreveu Inácio de Loyola, santo da Igreja Católica, em sua obra intitulada *Exercícios Espirituais*, “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente” (EE 2,4). Portanto, as relações entre saber e sabor são próximas e seus diferentes sentidos estão atrelados à experiência, pois ninguém nasce sabendo, e sim, vai adquirindo conhecimento com o passar do tempo, ao provar, saborear, apreciar, qualificar, sentir. A partir daí, a pessoa poderá conhecer e acumular saberes da experiência.

Para o pensador Jorge Larrosa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (*Tremores: escritos sobre experiência*, 2019, p. 18). Por isso, para que haja experiência, é necessário um gesto de interrupção, que paremos um instante, na contramão da pressa e do imediatismo do nosso tempo, e nos detenhamos para pensar, para olhar, para escutar; que suspendamos nossa opinião, nosso juízo, nossa vontade, nosso automatismo de ação, para cultivarmos a atenção às sutilezas, abrindo espaços para novas experimentações. Larrosa afirma que:

A primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva

são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.  
(*Tremores: escritos sobre experiência*, 2019, p. 33).

É a partir dessa ideia que adentramos no universo da mediação, entendida aqui como uma gama de processos de interação, de interlocução entre os envolvidos em uma ação cultural, visando a dinamização do conhecimento por meio de diálogos que partem de objetos expostos e os significados que eles podem portar.

A sabedoria que advém dos presépios e lapinhas em Minas Gerais está diretamente ligada com a realidade vivida pelos seus detentores que são os mediadores, por excelência, de seus bens culturais. As representações da natividade de Cristo, pelo povo, são repletas de símbolos e conhecimentos, que revelam aspectos singulares da cultura local. Sua valorização comunitária possibilita, por meio de ações de salvaguarda e da participação social, a apropriação da vida comum e individual, pelos sujeitos, em toda sua potência subjetiva e identitária.

A palavra “fazer”, por sua vez, origina-se do latim “*facere*” e significa “realizar”, “cometer”, “fazer”. Ela possui íntima ligação com os verbos “criar”, “elaborar”, “produzir”. Essa rede de palavras expressa o ato de construir algo, como por exemplo a criação de uma obra artística, a realização de uma exposição, a confecção de objetos, dentre outros. É o ato de criar, em seu sentido mais positivo, que está no cerne da montagem dos presépios e lapinhas. Tais expressões populares do natal, em toda sua singularidade e simbologia, são representativas da celebração da vida em todo seu esplendor, resistindo às forças destrutivas e homogeneizadoras do mundo contemporâneo marcado pelo consumismo exacerbado e da cultura do descarte.

A tarefa de confeccionar o presépio exige esforço e, também, se realiza com o desejo de transformar a realidade, por meio do trabalho e dos saberes que ele encerra. Essa dinâmica parte da realidade cotidiana dos que a vivenciam, sejam como produtores ou receptores – papéis que podem se intercambiar simultaneamente – das suas manifestações culturais.

### **Os sabedores e fazedores de presépios e lapinhas: mediadores culturais**

Se entendemos a montagem de presépios e lapinhas como uma representação artística, inserida no contexto de uma tradição religiosa/cultural, dotada de saberes, nada melhor que escutarmos os detentores desse costume para nos transmitir suas experiências. É uma boa prática de mediação registrar, seja por texto escrito ou gravação audiovisual, e promover as narrativas dos que trabalham na confecção dos presépios e lapinhas. Assim, podemos conhecer suas experiências, memórias e processos de trabalho.



Foto: Alexandra Aparecida Ribeiro, Araporã, MG.

## **A estrela de Belém brilha no céu de Minas Gerais: A história do presépio**

*“Tudo isso em torno do Nascimento daquele Menino que, a princípio um pequenino fugitivo perseguido, passa logo a uma iluminada criança a discutir com doutores [...] Em todo caso, se esta pompa, se este delírio, se estas luzes copiosas, se estas horas inquietas dos Natais de hoje servem para aproximar as criaturas, malgrado o contraste de tanto fausto e grandeza com a doce pobreza de Jesus - estes Natais assim celebrados continuarão a ser uma bela e feliz festa cristã!”*

(Fragmento da crônica “Natal”, de Cecília Meireles)

Em dezembro de 2021, em uma das praças mais famosas da cristandade, no Vaticano, é inaugurado, como parte das celebrações do Advento, um Presépio Andino. Assomam-se, na Praça São Pedro, ao lado da grande árvore de Natal, mais de 30 peças confeccionadas por artistas de Huancavelica, cidade do Peru. As estátuas do Menino Jesus, Maria, José, dos Três Reis Magos e dos pastores foram feitas em tamanho natural a partir de vários materiais, tais como madeira, cerâmica e fibra de vidro; vestidas com trajes típicos da cultura Chopcca, comunidade andina.

O menino Jesus, ali representado, traz as feições e roupas de uma criança “Hilipuska”. Acompanhados de lhamas, tendo uma bandeira peruana em suas costas, os Três Reis carregam alforques contendo alimentos típicos de Huancavelica, como quinoa, cañihua, batatas, kiwicha. O anjo que anuncia o nascimento de Cristo, toca um instrumento de sopro típico chamado Wajrapuco. Além disso, o presépio está repleto de várias estátuas de animais pertencentes à fauna peruana, tais como alpacas, vicunhas, ovelhas, vizcachas, parihuanas e o condor andino, que é símbolo nacional do Peru.

A montagem do presépio, em versão peruana, parte de uma iniciativa do atual líder da Igreja Católica, o Papa Francisco, que busca homenagear os 200 anos da Independência do Peru. Para além disso, pode-se vislumbrar uma nova perspectiva que se abre para o protagonismo de representações populares, que irrompem as fronteiras e chegam ao coração do catolicismo oficial como forma de expressão viva da ancestralidade dos povos nativos. Essa forma tão particular de reencenar o nascimento de Jesus ganha contornos específicos a depender do lugar onde é representado. Em Minas Gerais, essa realidade é ainda mais diversa, devido às heranças culturais advindas do encontro de diferentes povos e culturas, ao longo da história.

Contudo, onde nasceu o presépio? Sua origem remonta à São Francisco de Assis, que o teria concebido em uma gruta como forma de expressar a sua fé, em 1223. Foi no povoado de Gréccio, na Valada de Rieti, que o pobrezinho de Assis, segundo conta a tradição, quis encenar o nascimento do menino de Belém e contemplar com seus próprios olhos as agruras do recém-nascido que, sem lugar propício, foi colocado em cima da palha entre o boi e o burro. A palavra “presépio” vem do latim e significa “estábulo”, “curral”. Segundo a narrativa bíblica, Jesus teria sido colocado em uma manjedoura, isto é, em uma espécie de tabuleiro em que se coloca comida para animais. Para concretizar seu desejo, Francisco de Assis chamou um leal amigo, de nome João, que após ter recebido as instruções preparou um lugar com a manjedoura. Naquela ocasião não havia figuras e, portanto, o presépio foi vivido pelas pessoas que ali estavam na noite de Natal. Assim teria nascido a tradição, todos reunidos em torno de uma gruta, essencialmente simples, com suas tochas acesas iluminando a noite, celebrando com grande alegria o nascimento de Cristo.

Em Minas Gerais, a tradição de montar os presépios, também conhecidos como lapinhas (denominação afetiva para as grutas), está presente nas casas, praças, centros culturais, igrejas, dentre outros lugares da cidade. Embora o costume tenha sido trazido pelos europeus católicos, no período de colonização, sua montagem foi ganhando contornos próprios por meio de sua apropriação popular. Se, no catolicismo o presépio é usado principalmente como forma de

evangelizar, nas vivências religiosas cotidianas, o presépio carrega novos símbolos e significados, tornando-se, sobretudo, lugar de culto e espaço de encontro entre os devotos para pagar promessas, obter bençãos e para veneração.

Assim, o presépio que se originou da vontade de São Francisco de Assis de representar imagetivamente as passagens bíblicas do nascimento de Cristo, passa então a narrar, por meio de novas leituras, a história dos diferentes povos da terra, com suas lutas e sofrimentos. O presépio peruano é um exemplo dentre muitos outros que, ano após ano, são confeccionados em diferentes partes do mundo como um sinal da fé, da religiosidade e da força da tradição.

Poderíamos perguntar: como seria a representação de um presépio mineiro, na Praça São Pedro, no Vaticano? Não podemos responder com uma única resposta, pois os presépios e lapinhas de Minas Gerais são muitos. Contudo, uma representação mineira do nascimento do menino de Belém, que buscasse sintetizar os aspectos mais representativos de nossa cultura, seria, sem dúvida, carregada de afetos, saberes e experiências; um cenário diverso e múltiplo, repleto de misticismo, símbolos e crenças; abundante de cores, cheiros e sabores; um convite para festejar em um universo acolhedor, permeado pelo nosso “jeitinho mineiro de ser”.



Presépio em exposição no Centro de Arte Popular Cemig em 2016, no Circuito Liberdade.  
Crédito: Izabel Chumbinho

O circuito de Presépios e Lapinhas de Minas Gerais é uma demonstração da potência das tradições natalinas do nosso estado, que aqui se realizam de diversos modos, revelando a nossa história e as nossas riquezas culturais.

### **As origens dos presépios e lapinhas de Minas Gerais**

Que tal investigar quais as origens da montagem dos presépios e lapinhas no seu município? Uma importante atividade de mediação é contar a história da tradição do presépio, no contexto global/ocidental, mas, também, no contexto regional do município. É possível identificar a história, ou as histórias, da representação do presépio da sua cidade? Os fazedores de presépio do seu município podem transmitir suas memórias afetivas em relação a essa tradição?



Foto: Pe. Wesley Clay Alves Rodrigues, Cordislândia, MG.

## As Folias de Reis: patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais

“A vida estava assim pautada, na terra, sobre exemplos de coisas celestes. Essa mistura do humano com o divino trazia-nos como num estado de levitação, e mesmo em redor de nós tudo era ascensão de anjos e santos, uma aparição deslumbrada de Magos e um acordar sobrenatural de pastores.”

(Fragmento da crônica “Natal”, de Cecília Meireles)

As Folias, também conhecidas como Ternos, Companhias e Caravanas são festividades religiosas do catolicismo popular muito difundidas em Minas Gerais e podem ser entendidas de forma ampla como um agrupamento de devotos que peregrinam, cumprindo promessas e recolhendo donativos. As celebrações são compostas de ritos e várias práticas culturais que se manifestam nos cantos, nas rezas, nos instrumentos musicais, nos trajes, nas danças e nas comidas votivas. São muitas as devoções que caracterizam as Folias, em Minas Gerais somam-se mais de cinquenta, contudo, a Folia de Reis é considerada pelos foliões como a primeira, sendo designada a folia do “princípio do mundo”, pois é associada à visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus. Eles teriam sido guiados, como relata o Evangelho segundo São Mateus, por uma estrela que sinalizava onde estava o “rei dos judeus recém-nascido”. Ao chegarem, prostaram-se e homenagearam a criança com ouro, incenso e mirra.



Foto: Desenho do artista Cristiano, acervo de Carlos Felipe Horta.

É justamente esse acontecimento bíblico, do nascimento de Cristo, o fundamento das Folias de Reis celebradas, anualmente, pelos devotos detentores desse patrimônio. Também, é comum ouvir dos foliões que o nascimento da tradição tenha ocorrido com o primeiro presépio criado por São Francisco de Assis, na Itália em 1223. Para além de suas origens míticas, a devoção dos Reis Magos é antiga, tendo se desenvolvido fortemente entre os séculos V e XV, pela Europa, de forma especial nos países ibéricos, e se expandiu até os dias de hoje. Os primeiros relatos da presença das Folias no Brasil datam de meados do século XVIII e início do XIX. Em Minas Gerais, tais celebrações natalinas populares foram fortemente influenciadas pelos costumes e modos de vida atravessados pelas atividades agrícolas e pastoris. A história das Folias é muito rica e complexa, constitui-se de diversas camadas socioculturais. A celebração tem uma gênese muito diversificada, nos locais onde se faz presente, envolvendo várias narrativas, o que confirma seu estatuto múltiplo de festa, performance e rito, congregando diferentes matrizes culturais.



Foto: Desenho do artista Cristiano, acervo de Carlos Felipe Horta.

As Folias de Minas foram inscritas, pelo IEPHA-MG, no Livro de Celebrações em 2017, sendo reconhecidas como patrimônio cultural imaterial do estado mineiro.

As Folias de Reis, por sua vez, compõem o extenso quadro de manifestações culturais natalinas em Minas Gerais, estando intimamente ligadas ao presépio, visto que no dia 06 de janeiro de cada ano, acontecem as procissões em honra ao dia de Santos Reis, também conhecida na liturgia católica como Epifania do Senhor, e remete à adoração do Menino Jesus pelos Reis Magos, que vinham de outras nações para o homenagear. Daí a ideia de percurso, de travessia, que as Folias carregam.

Ao falarmos de mineiridade, remetemos a um universo de costumes, tradições e práticas que caracterizam o “jeito mineiro de ser”. As Folias de Reis fazem parte dessa infinidade de manifestações culturais que em Minas Gerais ganham contornos próprios, desenvolvendo estilos identitários singulares. Na primeira semana de janeiro, especificamente no dia 6, pode-se vislumbrar em algumas localidades, as procissões alegres com os foliões rumo à visitação dos presépios, especialmente nas casas, rezando, cantando e dançando.

Além dos seus simbolismos, são bem demarcados o domínio dos cantos, toques, versos e performances, a valorização da comunhão no momento das refeições, bem como o respeito a uma hierarquia, aos mais velhos. Este conjunto também se compõe de objetos rituais como as máscaras, toalhas, bandeiras, fitas, flores, terços e rosários; os instrumentos musicais como as violas, caixas, violões, pandeiros, sanfonas e rabecas; as múltiplas vozes; as indumentárias e os adornos como os chapéus e os trajes coloridos dos palhaços e bastiões. Para além disso, formam-se redes de solidariedade criadas em torno da devoção e da caridade.

Para saber mais acesse a edição sobre Folias de Minas Gerais no Cadernos do Patrimônio, disponível em:

[http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/20/As%20Folias%20de%20Minas.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/20/As%20Folias%20de%20Minas.pdf).

## A mineiridade nos presépios e lapinhas: tradição, patrimônio e identidade

O que é próprio de Minas Gerais nos presépios e lapinhas expostos em diferentes locais do nosso estado? Uma importante proposta de mediação é refletir sobre as particularidades dos presépios mineiros, reveladores da nossa identidade e subjetividade. Para tanto, é necessário identificar os aspectos materiais da encenação, com o objetivo de perceber tudo aquilo que é pertencente da cultura local. Primeiro, deve-se atentar para quem idealizou tal presépio, se foi um artesão, por exemplo, ou um grupo. Depois, investigar quais materiais foram utilizados, quais personagens compõem o presépio e quais são suas características físicas, seus trajes, cores, objetos que portam. A depender do local, se público ou privado, em praças ou igrejas, os presépios e lapinhas podem ter diferentes características que também podem ser contempladas. Pode-se vislumbrar, também, o processo de montagem do presépio, seu histórico, e quais as tradições estão associadas a ele, como as Folias de Minas. Assim, identificar a mineiridade dos presépios e lapinhas, confeccionados com produtos artísticos e culturais da região, dos saberes e costumes locais, da culinária, da fauna e da flora, da musicalidade, dentre outras expressões, contribui para enriquecer o (re)conhecimento da nossa cultura e estimula novos processos de criação e apropriação identitária.



Foto: Eugênio José dos Santos, Coronel Xavier Chaves, em Minas Gerais. Presépio construído com pedra sabão por artesãos locais. Sublinhamos a construção, a partir de pedras, na arquitetura da igreja e na confecção do presépio.

## Palavras finais:

### Minhas memórias afetivas do presépio

Faltavam poucos dias para o Natal, quando vó Adélia começava a enfeitar sua modesta casa. Era o momento de resgatar a pequena caixa empoeirada que ficava no alto do guarda-roupa de um recluso quarto. De lá saíam pequenas esculturas meticulosamente embrulhadas em papéis de revista, crepom e celofane. Despontavam dos invólucros, pequenas esculturas que vovó tinha esculpido quando jovem, como aprendera com seu pai, e mostrava-me aquelas ovelhinhas moldadas pelas mãos do meu bisavô. Além dos animais diminutos, ela desempacotava os outros personagens que iriam compor o presépio: Maria, José, o menino Jesus, os pastores, os reis magos, o anjo e outros bichos, como o burrinho e o galo.

A montagem do cenário sagrado era acompanhada de muitas histórias e superstições. Vó contava as lembranças de seus primeiros presépios na infância, a religiosidade de sua família expressa nas rezas, novenas e orações, e a dedicação ao ofício de esculpir as imagens com argila. O instante se transformava em uma catequese imaginativa e fabulosa, com as narrações dos trechos do Evangelho em uma linguagem singular, que só ela falava. Afloravam-se relatos da jornada da família de Nazaré, em que José havia levado Maria grávida, montada em um burrinho, e ia batendo de porta em porta, pedindo abrigo para que a pobre criança pudesse nascer, mas ninguém os acolhia. Ao serem rejeitados por todos, tiveram que se recostar em uma gruta onde dormiam várias ovelhas e ali nascera o salvador, em meio aos dóceis animais que também se prostaram para o adorar.

A composição do presépio, para vó Adélia, era o início da preparação para o Natal e também sua própria peregrinação no deserto, que se metamorfoseava em instantes contemplativos de rememoração dos passos da Sagrada Família, confirmando sua fé. Vovó não montava o presépio, ela o rezava e fazia daquela cena, exposta na estante da sala, um altar para suas orações. Sua crença estava arraigada à transmissão das histórias do Advento, motivo da decoração de sua

casa, que se tornava o lugar mais aconchegante para Cristo nascer na noite de Natal. Ao fazer isto, ela me deixava como herança o costume da montagem da lapinha, com seus adereços e luzes, lugar de ternura e docilidade, de pausa para admirar a beleza contida na simplicidade de um bebê que dorme na palha, ao lado dos animais, sob olhares atentos e alegres dos que ali estão.

E num piscar de olhos, envolvido pela voz de vó Adélia, embalado pelos encantos do seu presépio, começo a participar do momento sublime. O pequeno garoto, vivendo em um bairro humilde da periferia de Belo Horizonte, é transportado para a gruta de Belém. O céu noturno está salpicado de estrelas desenhadas por vó, seus carneirinhos de argila pintados de branco repousam na ramagem e os personagens bíblicos com trajes coloridos, que herdara de seu pai, contemplam o mistério. Meus pés pisam o chão forrado de barba-de-velho e cascalho, meus olhos fitam o horizonte e vejo os três reis magos montados em seus camelos. E, assim, espero ansioso pela meia-noite do dia 24 de dezembro, em que eu mesmo colocarei o doce menino na manjedoura.

Caro(a) leitor(a), chegamos ao final do nosso *Roteiro de Mediação dos Sabedores e Fazedores dos Presépios e Lapinhas de Minas Gerais*. Esperamos que este material sirva como um recurso inspirador de práticas de mediação e ações de educação para o patrimônio cultural no âmbito das expressões culturais natalinas da sua comunidade. Agora é sua vez, lançamos o desafio para que escreva a sua história afetiva com os presépios e lapinhas.

Boas lembranças e comemorações! Feliz Natal!

## Referências

FRANCISCO, Papa. **Admirabile Signum**: sobre o significado e valor do presépio. Carta Apostólica. Grécio, 1 dez, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap\\_20191201\\_admirabile-signum.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html). Acesso em: 16 dez. 2021, às 19:00.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. Folias de Minas Gerais. **Cadernos do Patrimônio**. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2018. Disponível em: [http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/20/As%20Folias%20de%20Minas.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/20/As%20Folias%20de%20Minas.pdf). Acesso em: 16 dez. 2021, às 19:00.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes; João Wanderley Geraldy. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VATICAN NEWS. Praça São Pedro receberá presépio do Peru. **Site Vatican News**, 28 outubro 2021, 13:19. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-10/praca-sao-pedro-recebera-preseprio-peru-arvore-de-natal-trentino.html>. Acesso em: 16 dez. 2021, às 19:00.

## Ficha Técnica

Presidente: Felipe Cardos Vale Pires

Diretor de Promoção: Luis Gustavo Molinari Mundim

Gerente de Difusão e Educação para o Patrimônio Cultural: Luzinete Assis de Jesus

Elaboração do Roteiro – Breno Fonseca

Revisão: Luzinete Assis de Jesus

Projeto Gráfico: Assessoria de Comunicação.